

A FIGURA DO SACERDOTE SEGUNDO A FILOSOFIA NIETZSCHIANA

Robione Antonio Landim¹
Edgar de Jesus Melo²
Gabriel Silva dos Santos³
Vinícius Pinto Alencar⁴

RESUMO

O presente artigo terá como tarefa investigar a figura do sacerdote na obra **Genealogia da moral**, especialmente na sua terceira dissertação. O que se observa nesse escrito é que os seres humanos não conseguem viver uma vida sem sentido, têm horror ao nada, ao vazio de sentido. Eles não sabem lidar e nem suportam a dor, o tédio. A dor é vista como algo a ser descartada. Assim, buscam remediar, anestesiá-la, amortecer a sensibilidade. Nesse projeto de estabelecer um sentido para a existência destaca-se a figura do sacerdote. Ele, por meio do ideal ascético, propõe o além como o remédio que salva a vida de todas as suas contradições, incertezas e transitoriedade. Consequentemente, os ideais ascéticos para os sacerdotes transformam-se em instrumentos de poder. Trata-se de um mecanismo para dominar, para manter-se no poder. Nesse sentido, o sacerdote na obra de Nietzsche não se restringe ao aspecto religioso, mas assume um papel de ofertar sentido para a vida que é compreendida em si mesma como carente de sentido.

Palavras-chave: Nietzsche. Ideais ascéticos. Sacerdote. Vida.

1 INTRODUÇÃO

Nietzsche é um dos pensadores mais polêmicos de nosso tempo. Isso se constata não só pela sua recusa explícita aos métodos sistemáticos da escrita filosófica, mas também pela crítica ácida dirigida ao cristianismo e a sua moral. Foi por essa postura em relação à religião cristã que Nietzsche foi entendido como demolidor do cristianismo. Porém, quem “quem julgou compreendê-lo equivocou-se a seu respeito; quem não o compreendeu julgou-o equivocado” (MARTON, 2010, p. 8). Scarlett Marton (2010) convida a colocar

¹ Professor no curso de Filosofia do CES/JF. E-mail: <ralandim@yahoo.com.br>.

² Graduando em Filosofia pelo CES/JF. E-mail: <edgarjesusmelo@gmail.com>.

³ Graduando em Filosofia pelo CES/JF. E-mail: <gabriel Silvados Santos.sasa@gmail.com>.

⁴ Graduando em Filosofia pelo CES/JF. E-mail: <vini98alencar@gmail.com>.

sob suspeita as crenças, convicções e preconceitos em relação ao próprio filósofo, que ao longo dos tempos, foi evocado por socialistas, nazistas, cristãos, judeus e ateus, como ponto de referência, ora para reivindicar, ora para exorcizar seu pensamento. Moura (2005) também contribui para essa suspeita, na medida em que lê Nietzsche como um filósofo que, de fato, é a má consciência de seu tempo, isto é, que não se reduz a algumas escolas, como o psicologismo, o imoralismo, o pessimismo. Ao invés de catalogá-lo em “escolas”, Moura (2005) busca evidenciar o campo de fenômenos que o filósofo alemão pretende analisar, bem como a especificidade do seu discurso filosófico em face daquele da tradição.

No presente projeto, não pretendemos fazer o papel de advogados de defesa com o intuito de santificar o pensamento de Nietzsche, nem o de promotores reafirmando a “demonização” que se estabelece acerca dessa filosofia, muito menos de juízes para decretar uma verdade a respeito de suas reflexões. Partimos de uma pesquisa bibliográfica analítica e seletiva. Em nossa leitura concentramos nossa atenção na “Terceira dissertação” da obra **Genealogia da moral**. Isso não significa que ignoramos o conjunto da obra, nem a desligamos da linha de raciocínio do autor. Porém, nos delimitamos a essa parte justamente porque nela o autor nos apresenta com mais clareza o tema dessa pesquisa, a saber, a figura do sacerdote. Em nossa leitura, buscamos analisar sistematicamente os elementos que compõem o texto, com a finalidade de compreender as ideias do autor, especialmente o sentido da figura do sacerdote. A questão em torno da qual nossa pesquisa orbita é: Qual o significado do sacerdote? Veremos que esse personagem está relacionado com uma determinada maneira de avaliar a vida que se tornou hegemônica nos vários territórios da cultura Ocidental. Por essa razão, iniciaremos nossa discussão a partir do problema da moral. Em seguida analisaremos os ideais ascéticos como o meio pelo qual o modo de avaliar do sacerdote se manteve no poder.

2 A MORAL COMO PROBLEMA

O sacerdote é visto como um personagem, uma figura que está intimamente ligada com uma determinada avaliação, moral que construirá um determinado modo de habitar esse mundo. Pensar a figura do sacerdote não é

uma tarefa simples, na medida em que requer um esforço filosófico atento, pois, afinal de contas, enquanto conectado a uma moral, sua forma de avaliar encontra-se espalhada por toda região da cultura ocidental. Embora num primeiro momento o sacerdote possa se referir a um representante religioso ele, no entanto, não é um nome exclusivo da religião. A própria filosofia e a ciência encontram-se de mãos dadas com seus ideais. Desse modo, faz sentido quando Nietzsche admite a necessidade de uma crítica dos valores morais, pois, apenas uma forma de valorar que nega a vida predominou. Nietzsche lançará um olhar crítico sobre os valores dessa civilização, ou seja, interrogará pelo *valor* desses valores, como atesta o prólogo da **Genealogia da moral** (NIETZSCHE, 1998, Prólogo, §8, p. 12). Trata-se exatamente de fazer ver o que se esconde por trás de todo ideal, de todo valor que até, então, fora tomado como um dado inquestionável. Assim, ele começa a investigar os *ideais* que tacitamente comandaram a sua civilização, “aquilo que é implicitamente admitido por todos os partidos como sendo o ‘desejável’, aquilo que ‘deveria ser mas não é’” (MOURA, 2005, p. XV). Esta forma singular de investigar os valores será percebida na sua empreitada de realizar uma genealogia da moral, especialmente na sua análise acerca dos ideais ascéticos. Através da genealogia demonstrará o significado de realizar “uma crítica dos valores morais”, que até hoje, segundo Nietzsche, nunca existiu nem foi desejado (NIETZSCHE, 1998, Prólogo, §14, p. 14). O que até agora se viu foi uma preocupação em torno da fundamentação dos valores morais, mas nenhuma filosofia se propôs perquirir “o valor desses valores”. Noutras palavras, ninguém realizou uma crítica da moral, ou seja, ninguém perguntou por que razão o altruísmo é merecedor de importância, por que motivo a verdade ainda é desejável, por que se deseja melhorar o homem. “Querer ‘melhorar’ a humanidade é, na mais otimista das hipóteses, erigir um novo ídolo, um novo ideal a ser atingido, uma nova ‘meta’ para a existência” (MOURA, 2005, p. XVIII, grifos do autor).

Percebe-se que a crítica da moral estabelecida por Nietzsche coloca em questão todo ideal que se coloca como fim, modelo para a existência humana. Por que? Porque os ideais – veremos mais adiante que os ideais ascéticos também operam dessa forma - carregam consigo um tipo de avaliação que nega a vida. Na medida em que estabeleço um ideal, esta vida

estará submetida a uma vida mais verdadeira, mais interessante. O empreendimento nietzschiano, portanto, não visa substituir um valor por outro, um ideal inadequado por outro mais verdadeiro, mas “implodir esta *exigência* persistente” (MOURA, 2005, p. XIX, grifo do autor).

Nietzsche suspeita daqueles pensamentos que se diziam higienizados em relação aos valores, pois, as “interpretações morais podem estar sorrateiramente presentes, mesmo ali onde expressamente se pensou em excluí-las” (MOURA, 2005, p. 62). Por isso, até então, a moral nunca fora colocada em questão; ficamos presos aos costumes e nunca os colocamos em questão, nunca nos perguntamos pelo valor dos valores:

É evidente que a moral até hoje não foi um problema; pelo contrário, foi o terreno neutro onde, depois de todas as desconfianças, dissensões e contradições, se acabava por estar de acordo, foi o local sagrado da paz onde os pensadores descansam de si próprios, onde respiram e revivem. Não vejo ninguém que tenha ousado uma crítica dos valores morais: verifico até, nesse caso, uma ausência de curiosidade científica, dessa imaginação delicada e aventureira dos psicólogos e dos historiadores que se antecipam muitas vezes aos problemas, apanhando-os no ar sem muito bem saber o que estão apanhando (NIETZSCHE, 2001, §345, p. 237).

A moral é o principal meio para se fazer do homem o que se quer. Aquele que detém o poder de estabelecer uma conduta moral para o povo tem consigo um poder de controle e dominação tão fortes que geram uma alienação social que impedem a pergunta pelo valor dos valores. Um sinal disto é o quanto que estamos acostumados a relegar os problemas morais e a assumir as instâncias econômicas e políticas como territórios privilegiados. Segundo Moura, nosso discurso predileto seria: “a infraestrutura econômica é o principal meio para se fazer do homem o que se quer, logo, nada deve ser levado mais a sério que os problemas econômicos e políticos” (MOURA, 2005, p. 58). Porém, estes problemas de nosso discurso predileto estão muito a margem. Eles são o que conseguimos ver com nossos olhos aprisionados pelo costume. É preciso olhar para além destes e perceber que são construídos a partir de um ideal moral que exerce mais autoridade sob a sociedade do que o meio. Sim, afirma o mesmo autor em seu livro: “Os ideais comandam mais que o meio” (MOURA, 2005, p. 60). Se a moral é um problema, se ela nunca foi colocada em questão, isto é, se o valor dos valores permaneceram intocáveis, resta saber então, qual o valor dos ideais ascéticos.

3 O SIGNIFICADO DE IDEAIS ASCÉTICOS

Nietzsche apresenta como título do terceiro capítulo da **Genealogia da moral** (1998) a pergunta o que são os ideais ascéticos. Os ideais ascéticos expressam uma tremenda importância para o homem dado que esses expressam algo fundamental da vontade humana, o seu horror ao vazio. O homem, diz Nietzsche, prefere querer o nada a nada querer. Quer dizer que o homem tem em sua vontade um doloroso horror ao vazio que o cerca levando-o a necessidade de buscar uma razão, uma justificativa, um sentido para essa falta. Na medida em que busca sentido para essa vida desgraçada, percebe-se que, nesse empreendimento, se desloca o sentido dessa vida para uma outra, entendida como mais verdadeira. O homem começa a acreditar na existência de outro mundo, eternamente imutável, perfeito, “morada” da causa sui provedora de toda existência. Por conseguinte, tudo o que se refere ao mundo do aqui-agora passa a ser desvalorizado, pois, ele é medido a partir daquele mundo considerado como verdadeiro.

No capítulo “Como o ‘mundo verdadeiro’ se tornou finalmente fábula”, na obra *Crepúsculo dos ídolos*, Nietzsche (2006) discorre sobre esta cisão enquanto sentido existencial: “O verdadeiro mundo, inalcançável no momento, mas prometido para o sábio, o devoto, o virtuoso (para o pecador que faz penitência)” (NIETZSCHE, 2006, IV, §2, p. 31). Ora, tão logo a existência passou a ter um sentido a própria vida passou a ser norteadada por preceitos morais cujos valores partem do julgamento de algo que não é a própria vida; viver passa a ser a prática de uma interpretação de determinado conjunto de ideais.

Mas, por que precisamos criar uma interpretação para a existência? Por que a falta de um sentido aflige tanto o espírito humano? Nietzsche entende que a ausência de sentido para o sofrimento é o que provoca ainda mais sofrimento no ser humano. O ser humano, mediante a ausência de sentido, não consegue viver no vazio, uma vez que ele tem horror ao nada, ao vazio de sentido. Por isso, ele precisa de um objetivo, de justificação ou significação para a sua existência.

Mas qual o problema disso? A justificativa para viver parece sobrelevar a própria vida e isso é uma inversão bastante problemática aos olhos de Nietzsche. As tentativas de aplacar esse horror ao vazio geram encargos que o

homem tenta saldar com a própria vida e as tentativas de salvaguardar alguma providência acabam por representar um atentado à vida. Inventar as metas de vida para uma coletividade; forjar um objetivo para toda uma cultura que, a rigor, não possui, é o que tem feito com sucesso esses ideais. Para livrar-se do flagelo da falta de sentido o homem cria uma justificativa para sua existência, para que o sofrimento seja interpretado e a monstruosa lacuna que o circunda seja preenchida.

Nietzsche estabelece sua crítica à filosofia partindo desse ponto, porque a busca de um *em si* é uma negação da vida, da vontade, dos instintos naturais. Para alcançar o *em si* os filósofos partiram primeiro de uma negação ou, melhor, de um abandono da vida conflituosa, que é repleta de interesses, vontades e instintos. A metafísica dualista se apresentou, nestes termos, como salvadora da enfermidade de uma vida que prefere o nada, essa marca da doença que se apresentou, contraditoriamente, como saúde e verdade absoluta. Noutras palavras, o ideal ascético nega a vida, na medida em que propõe o além, o absoluto, o transcendente, tomados em um sentido espiritualista, descorporificado e deshistoricizado, portanto, como ideal, como sentido que salva o humano da dor das incertezas, contradições e efemeridade da vida (RIBEIRO, 2013).

Assim sendo, aquela busca por um ideal tem início com o platonismo, ao afirmar a existência de um mundo paralelo a este, considerado como verdadeiro e perfeito, e este é considerado mera cópia, falso e imperfeito. Esse pensamento atravessou muitas gerações e as envenenou. De acordo com Nietzsche (1998, III, §9, p. 101), foi nas andadeiras do ideal ascético que a filosofia aprendeu a dar seus primeiros passos na terra. Para Nietzsche, principalmente Schopenhauer e Kant são ainda seguidores dessa filosofia que acredita no *em si*, na negação da vontade para alcançar a virtude, ou seja, negação do devir que é a vida, para chegar ao bom e imutável. É negação da vida, porque “Viver”, segundo Nietzsche, “é continuamente afastar de si algo que quer morrer; viver – é ser cruel e implacável com tudo o que em nós, e não apenas em nós, se torna fraco e velho” (NIETZSCHE, 2001, I, §26, p. 77). A vida na filosofia nietzschiana é concebida numa dinamicidade, num jogo de forças que luta para se impor, “que tende à *expansão do poder*” (NIETZSCHE,

2001, V, §349, p. 243, grifos do autor). Isso exemplifica bem a tendência expansiva da própria vontade de poder. Porém,

nesse jogo de forças a preponderância nunca se dá de forma total, de maneira que o opositor nunca será eliminado. Se isso acontecesse, a tensão e a relação cessariam e, com isso, a própria vida desapareceria, pois ela é resultado de uma relação de tensão. Numa vontade de crescimento, de desenvolvimento e de potência é que se encontra, precisamente, a vontade de viver (GC, V, §349, p. 244) (LANDIM, 2017, p. 159).

Por isso pode-se dizer que a noção de vida em Nietzsche é a dos instintos, da vontade de poder, ou seja, da vida em sua totalidade com aquilo que ela tem de bonito, mas também com o que ela tem de feio, de sofrimento, dor e conflito. É na sua inteireza que Nietzsche compreende a vida. Ao contrário do pensar metafísico e da compreensão cristã que consideram a vida como uma mera passagem, um estágio necessário destinado a realizar-se em outra existência, esta em Nietzsche é afirmada em sua totalidade, isto é, em sua complexidade existencial. Antes de tudo, é preciso aceitar a vida no que ela tem de mais alegre e exuberante, mas também de mais terrível e doloroso. Compreendida em sua completude, torna-se critério de avaliação da filosofia nietzschiana (LANDIM, 2017).

Porém, a partir do momento em que se preferiu a verdade a todo custo houve uma mudança no modo de valorar a vida. Nesse processo de mudança do modo de valorar entra em cena o sacerdote ascético. Sobre ele falaremos a seguir.

4 A FIGURA DO SACERDOTE ASCÉTICO E SUAS TERAPIAS

A figura do sacerdote ocupa um lugar na obra de Nietzsche que não se restringe ao aspecto religioso. Ela encontra-se intimamente conectada aos ideais ascéticos. O ideal ascético ganhou rosto, ou seja, adquiriu uma feição humana, a saber, o sacerdote. “O sacerdote ascético tem nesse ideal não apenas a sua fé, mas também sua vontade, seu poder, seu interesse” (NIETZSCHE, 1998, III, §11, p. 106). Quer dizer que o sacerdote faz uso desse ideal para se manter no poder e emprega-o como método monstruoso para valorar a vida. Noutras palavras, a figura do sacerdote representa ou encarna uma forma ou modo de valorar. Em sua forma de avaliar e estabelecer valores, ela quer sentir prazer no feio, no fraco, no fenecimento justamente para triunfar,

para enfraquecer o que lhe resiste, a vitalidade fisiológica. Foi por meio desse paradoxo que ela triunfou, que ela reconheceu sua salvação, sua vitória. O sacerdote é, portanto, caracterizado por Nietzsche como aquele que está relacionado com vontade de contradição e antinatureza. O sacerdote não é um personagem específico, mas diz respeito a um modo de valorar a vida.

A questão que se levanta, então, é qual o modo como o sacerdote ascético valora a vida? Em sua valoração ele compreende a vida como uma ponte pra outra vida melhor, mais verdadeira. É assim que ele se assenhora da vida. Isto é, a única maneira de estabelecer valores, de fornecer medidas, régua, valores para sustentar e conservar a vida. Mas esses valores que ele mesmo elenca são eles próprios hostis à própria vida. São decadentes. Na sua forma de avaliar, primeiro o ideal ascético nega, e nessa negação ele desvaloriza o eu – si mesmo – a corporalidade, a multiplicidade. Por isso que o ideal ascético é contraditório. Para ele se manter no poder, ele neutraliza as outras forças – “aqui se faz a tentativa de usar a força para estancar a fonte da força”, afirma Nietzsche (1998, III, §11, p. 106). Desse modo, ele será o representante máximo do ideal ascético e o grande responsável pela sua propagação.

Seu *direito* à existência se sustenta ou cai com esse ideal [...] um adversário tal que luta por sua vida, combatendo os que negam esse ideal?... Por outro lado, é improvável que uma atitude tão interessada perante nosso problema resulte especialmente proveitosa para ele; dificilmente o sacerdote ascético será um defensor afortunado do seu ideal (NIETZSCHE, 1998, III, §11, p. 106).

Fica claro que, para Nietzsche, o sacerdote, enquanto uma figura emblemática tira proveito do ideal ascético e é ele quem dita aos doentes a maneira correta de se tratar. O tipo sacerdotal asceta, para instaurar sentido e valor, ataca a dimensão da impotência humana, da finitude do mundo e da fragilidade da vida apresentando, em contrapartida, uma dimensão superior, absoluta, infinita e verdadeira. O ideal ascético é contraditório.

De onde que vem essa contradição que se manifesta contra a vida? O ideal ascético nasce de uma incompreensão do humano, de uma velha lacuna do conhecimento humano. Noutras palavras, o humano é marcado pela contingência, pela finitude, pela transitoriedade. Mas o ideal ascético quer nos curar, nos salvar daquilo que nos é próprio. Quer nos proteger da finitude: “o *ideal ascético nasce do instinto de cura e proteção de uma vida que degenera,*

a qual busca manter-se por todos os meios, e luta por sua existência” (NIETZSCHE, 1998, III, §13, p. 109, grifos do autor). Eis a grande contradição do ideal ascético. O sacerdote ascético é o desejo de ser outro, de ser-estar em outro lugar. Esse desejo é de tal tamanho que o prende aqui, ou seja, ele acaba se tornando instrumento que deve trabalhar para criar condições mais propícias para o ser-aqui e o ser-homem. O desejo de ser outro acaba se tornando a arma do sacerdote, de modo que ele mantém apegado à vida todo o rebanho de malogrados, ao colocar-se instintivamente à sua frente como pastor. O homem está farto, cansado, esse nojo de si, o não que ele diz à vida é a própria ferida em que em seguida o faz viver... (NIETZSCHE, 1998, III, §13, p. 111).

Porém, o ideal ascético, no fundo, não traz a cura, senão ainda mais dor. O tipo sacerdotal asceta determina o próprio ser humano como culpado de seu sofrimento. O sacerdote muda a direção do ressentimento. O culpado de estar mal sou eu mesmo. O sacerdote ascético para se efetivar enquanto “médico” ele lançou mão desses conceitos paradoxais como culpa, pecado, corrupção (NIETZSCHE, 1998, III, §16, p. 117-118). Com esses conceitos ele mudou a direção do ressentimento e desta maneira aproveitou os “instintos ruins dos sofredores para o fim de autodisciplinamento, autovigilância, auto-superação” (NIETZSCHE, 1998, III, §16, p. 118). Mas pode ser considerado realmente um médico esse sacerdote ascético?

Para Nietzsche, o sacerdote não é um médico, na medida em que não combate a causa mesma do sofrimento. Sua forma de atuar é apenas um analgésico que causará um certo alívio, porém nunca curará esse doente. Apenas alivia o sofrimento, o desprazer, desconforto do sofredor. Ele é especialista em consolar a espécie. Ele é um gênio, um verdadeiro artista na arte de consolar⁵. Mas essa medida não é ainda uma cura. Pelo contrário trará a ele um vício, uma dependência. Mas que vício é esse? É a busca de sentido para a vida, para o sofrimento e para a dor.

⁵ “Em todas as grandes religiões, a questão principal sempre foi combater uma certa exaustão e gravidade tornada epidemia” (NIETZSCHE, 1998, III, §17, p. 120). As religiões, segundo Nietzsche, se especializaram em combater os desconfortos, a melancolia, a depressão humana. A religião é uma espécie de remédio, um engenhoso meio de consolo – sentimento de obstrução fisiológica.

Ainda se faz necessária outro tipo de terapia. O sacerdote organizará os doentes numa concentração – Igreja é o nome mais popular pra isso. E de outro lado, haverá uma salvaguarda, uma proteção em relação aos sadios e fortes. Usa do recurso de juntar aqueles que sofrem. Assim ele cria seu rebanho, assim ele se mantém no poder, criando em todos um espírito de culpa e pecado (a razão do sofrimento), cria ainda um mundo onde só é bem-vindo quem não é capaz de se auto afirmar, quem nega a vontade de poder, quem não é contra esse ideal ascético. A formação do rebanho é avanço e vitória essencial na luta contra a depressão (NIETZSCHE, 1998, III, §18, p. 125). O crescimento da comunidade resulta no indivíduo a sua aversão a si mesmo. Todos os doentes, todos os doentios, buscam instintivamente organizar-se em rebanho, na ânsia de livrar-se do surdo desprazer e do sentimento de fraqueza: o sacerdote ascético intui esse instinto e o promove.

Contra a depressão, contra o sofrimento emprega-se ainda outro treinamento, a saber, a atividade maquinal. Através dela uma existência sofredora é aliviada num grau considerável. Onde está o alívio? Na medida em que trabalho, não penso no sofrimento. O alívio, segundo Nietzsche, consiste em que o interesse do sofredor é inteiramente desviado do sofrimento (NIETZSCHE, 1998, III, §18, p. 123). Noutras palavras, a consciência é tomada permanentemente por um afazer seguido de outro. O que caracteriza a atividade maquinal? Regularidade, a obediência pontual, o modo de vida fixado, o preenchimento do tempo, esquecimento de si. O sacerdote ascético compreendeu bem essa atividade na luta contra a dor!

Além desses, ainda há outro meio mais apreciado na luta contra a depressão, a saber, a prescrição de uma pequena alegria que seja fácil obtenção e possa ser tornada regra. A forma que a alegria é assim prescrita como meio de cura é a alegria de causar alegria – no fundo, amar o próximo. Segundo Nietzsche, “A felicidade da ‘pequena superioridade’, que acompanha todo ato de beneficiar, servir, ajudar, distinguir, é o mais abundante meio de consolo de que costumam servir-se os fisiologicamente obstruídos, supondo-se que estejam bem aconselhados [...]” (NIETZSCHE, 1998, III, §18, p. 124). O efeito desse amor ao próximo é a vontade de reciprocidade que implicará na vontade de formar rebanho, comunidade. Nessa formação está implícita uma

forma de valorar. Valora-se como bom aquilo que é coletivo e nega-se o que é individual, singular.

Segundo Ribeiro (2013), a política de sentido do tipo sacerdotal ascético atinge no ponto a condição enferma no ser humano, identificando-lhe as feridas, instigando a vida a partir do próprio sofrimento causado pela ferida, pelo cansaço, pelo fastio e pela vontade de negação de si. Diante desse diagnóstico da enfermidade da condição humana frágil e doentia, Nietzsche identifica a política de sentido sacerdotal ascética e denuncia a utilização do ideal ascético que faz do tipo sacerdotal um forte, ou seja, alguém que sabe fazer da fraqueza um meio para exercer o seu poder.

Sofrendo e confuso em relação ao porquê e o para quê do seu sofrimento, o homem busca razões. Nessa empreitada, busca aconselhar-se com o sacerdote, segundo o qual a razão do sofrimento não está longe, mas no próprio homem, ou seja, “em uma culpa, um pedaço de passado, ele deve entender seu sofrimento mesmo como uma punição” (NIETZSCHE, 1998, III, §20, p. 130). O sofrimento é uma espécie de punição. O sofridor passa a ser entendido como pecador. De acordo com Nietzsche, o pecado passa a ser a única causa do sofrimento. Tal tratamento beneficiou algum enfermo? Para Nietzsche, tal sistema melhorou o homem. Mas criticamente Nietzsche faz essa afirmação. Pois, “melhorar” nesse caso equivale a domesticar, enfraquecer, desencorajar. Enfim, tornou ainda mais doente aquele que já era fraco. Segundo a perspectiva nietzschiana, o ideal ascético, sob a veste das mais santas intenções, inscreveu-se de maneira terrível e inesquecível em toda a história do homem. Enfim, “O sacerdote corrompeu a saúde da alma em toda parte onde alcançou o poder, e em consequência também corrompeu o gosto in artibus et litteris [nas artes e letras] – ainda o corrompe” (NIETZSCHE, 1998, III, §22, p. 133).

Desse modo, o que significou o ideal ascético? Para Nietzsche, o ideal ascético expressa uma vontade, uma vontade contrária a vida. Ele possui uma finalidade, uma meta que servem de medidas de valor para os interesses da existência humana. Mas tais medidas são universais, ou seja, época e homens são interpretados em vista dessa única meta. Qualquer outra medida ou outra interpretação que não esta é negada.

Por que falta alguma outra medida que lhe resista? Por que ele despertou tanto interesse? Justamente porque tudo foi contaminado por esse ideal. Até mesmo a ciência moderna que acredita apenas em si mesma, sem recorrer a Deus ou ao Além para estabelecer um pensamento acerca da realidade, tornou-se um lugar de sofrimento, pois, ela tornou-se um “esconderijo para toda espécie de desânimo, descrença, remorso, despectio [desprezo de si], má consciência – ela é a inquietude da ausência de ideal, o sofrimento pela falta do grande amor, a insatisfação por uma frugalidade involuntária” (NIETZSCHE, 1998, III, §23, p. 137). Na medida em que a ciência moderna se vê como divorciada de um valor absoluto, ela acaba se tornando um lugar de sofrimento justamente pela ausência desse ideal. Com efeito, ela acaba se tornando uma auto-anestesia, um entorpecente (NIETZSCHE, 1998, III, §23, p. 137). E onde ainda há o sofrer não é o oposto ao ideal ascético, pelo contrário, é “a sua forma mais recente e mais nobre” (NIETZSCHE, 1998, §23, p. 136).

Embora os filósofos se coloquem de maneira apaixonada contra o ideal ascético, Nietzsche, enquanto “homem do conhecimento” desconfia em relação a toda espécie de crenças. Noutras palavras, tudo aquilo que se mostrar como claro e distinto, evidente, deve-se justamente perceber aí uma certa fraqueza da demonstrabilidade, uma improbabilidade mesma daquilo que é acreditado. Uma fé forte levanta suspeita quanto ao que se crê, não estabelece verdade, estabelece uma certa probabilidade – de ilusão (NIETZSCHE, 1998, III, §24, p. 137-138). Nesse sentido, Nietzsche questiona aqueles que se acreditam como contrários ou distantes do ideal ascético, tais como os ateístas, anticristãos, niilistas. Esses que se vêem livres, Nietzsche revela o que eles próprios não conseguem ver: “estão demasiado próximos a si mesmos -: esse ideal é também o seu ideal, eles mesmos o representam hoje, eles mesmo são o rebento mais espiritualizado desse ideal [...] Esses estão longe de serem espíritos livres: eles crêem ainda na verdade...” (NIETZSCHE, 1998, III, §24, p. 138). No fundo, eles estranham a liberdade e emancipação. Precisam ainda estar ligados, precisamente na fé na verdade. Assim é o caso daqueles se agarram nos fatos: contra os fatos não há argumento. Estes renunciam à interpretação, grosso modo, isso expressa ascetismo. Segundo Nietzsche o que força isso ainda é a crença no próprio ideal ascético, que nesse caso funciona

como um imperativo inconsciente. Noutras palavras, é a fé em um valor metafísico, um valor em si da verdade, tal como somente esse ideal garante e avaliza (NIETZSCHE, 1998, III, §24, p. 139).

Essa fé foi o que despertou tanto interesse do homem para os ideais ascéticos. É dessa crença que se extrai a direção, um sentido para a existência. O homem fiel à verdade afirma um outro mundo que não o da vida, da natureza e da história. Ora, “afirmar” esse outro mundo é o mesmo que negar este mundo. A fé na verdade enquanto algo divino, que é uma fé milenar, cuja origem aponta para Platão, hoje se mostra como uma cegueira, uma mentira. “A partir do momento em que a fé no Deus do ideal ascético é negada, passa a existir um novo problema: o problema do valor da verdade” (NIETZSCHE, 1998, III, §24, p. 140). Consequentemente, o valor da verdade será colocado em questão – a vontade de verdade requer uma crítica.

O que se opõe ao ideal ascético? Quem de fato se opõe é aquele tipo de inimigo capaz de colocar em questão o valor da verdade, o valor do ideal ascético. Aquele lhe lança desconfiança. Nem o ateísmo está em oposição a esse ideal. Ele é uma das últimas fases do seu desenvolvimento.

Na medida em que o valor da verdade for colocado em questão, portanto, quando se toma consciência dessa vontade de verdade, a própria moral cristã vai perecendo... Esse espetáculo foi anunciado por Nietzsche como acontecimento dos próximos dois séculos...

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Se desconsiderarmos o ideal ascético, o homem, o animal homem não teve até agora sentido algum: para que o homem? Esta pergunta não tinha resposta. Ora, é justamente essa falta que o ideal ascético significa: “que algo faltava, que uma monstruosa lacuna circundava o homem – ele não sabia justificar, explicar, afirmar a si mesmo, ele sofria do problema do seu sentido” (NIETZSCHE, 1998, III, §28, p. 148-149). Ele era um animal doente. Mas o que lhe era problema não era o sofrimento em si mesmo, mas a falta de resposta para o clamor da pergunta “para que sofrer?”. O homem não nega o sofrimento, ele está habituado a ele; ele o deseja, mas desde que lhe seja mostrado um sentido, um para quê no sofrimento. “A falta de sentido do sofrer, não o sofrer, era a maldição que até então se estendia sobre a humanidade - e

o ideal ascético lhe ofereceu um sentido! Foi até a gora o único sentido; qualquer sentido é melhor que nenhum; o ideal ascético foi até o momento, de toda maneira, o “faute de mieux” [mal menor] par excellence. Nele o sofrimento era interpretado; a monstruosa lacuna parecia preenchida; a porta se fechava para todo niilismo suicida” (NIETZSCHE, 1998, III, §28, p. 149).

Porém, segundo Nietzsche, esta interpretação trouxe um novo sofrimento, mais profundo ainda, e nocivo à vida: colocou todo sofrimento sob a perspectiva da culpa... A partir de então a vida ganha sentido; o homem está salvo, isto é, já não é uma folha ao vento. Ele podia querer algo... a vontade mesma estava salva. Mas o que expressa o querer do ideal ascético? Expressa o ódio ao que é humano, mais ainda ao que é animal, mais ainda ao que é matéria, esse horror ao sentidos. O anseio de afastar-se do que seja aparência, mudança, morte, devir, desejo, anseio. Mas querer se afastar de tudo isto significa uma vontade de nada, uma aversão à vida, uma revolta contra os mais fundamentais pressupostos da vida, mas é e continua sendo uma vontade! No entanto, afirma Nietzsche, recordando o que havia afirmado início da terceira dissertação: “o homem preferirá ainda querer o nada a nada querer...” (NIETZSCHE, 1998, III, §28, p. 149).

Após essa análise do significado dos ideais ascéticos, entendemos que o projeto filosófico nietzschiano consiste em ultrapassar esse modo de valorar, ou seja, o que Nietzsche pretende é fazer uma transvaloração dos valores morais. Para tanto, se faz necessária uma crítica da moral, particularmente do modo de valorar do sacerdote. Conforme já mencionado, esse modo de valorar fere, nega a própria vida. Nega a vida na medida em que busca compreendê-la a partir de uma outra existência mais verdadeira. Mas esta não passa de uma fábula...

ABSTRACT

THE PRIEST FIGURE OF THE ACCORDING TO NIETZSCHEAN PHILOSOPHY

This article will have as its task to investigate the figure of the priest in the work Genealogy of morals, especially in his third dissertation. What is observed in this writing is that human beings cannot live a meaningless life, they are horrified to nothingness, to the emptiness of meaning. They do not know how to cope nor can they stand the pain, the boredom. Pain is seen as something to be

ruled out. Thus, they seek to remedy, to anesthetize, to numb the sensitivity. In this project of establishing a meaning for existence, the figure of the priest stands out. He, through the ascetic ideal, proposes the beyond as the medicine that saves life from all its contradictions, uncertainties and transience. Consequently, the ascetic ideals for priests become instruments of power. It is a mechanism to master, to stay in power. In this sense, the priest in Nietzsche's work is not restricted to the religious aspect but assumes a role of giving meaning to life which is understood in itself as meaningless.

Keywords: Nietzsche. Ascetic Ideals. Priest. Life.

REFERÊNCIAS

LANDIM, R. A. Deus morreu: consequências para pensar a religião em Nietzsche. **Tese de Doutorado**. PPCIR/UFJF, 2017. Disponível em: <<https://repositorio.ufjf.br/jspui/handle/ufjf/5623>> Acesso em: 11 abr. 2019.

MARTON, S. **Nietzsche, filósofo da suspeita**. Rio de Janeiro: Casa da Palavra; São Paulo: Casa do Saber, 2010.

MOURA, C. A. R. de. **Nietzsche: civilização e cultura**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

NIETZSCHE, F. **Genealogia da moral: uma polêmica**. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

_____. **Crepúsculo dos Ídolos, ou como se filosofa com o martelo**. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

_____. **A gaia ciência**. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

RIBEIRO, Flávio Augusto Senra. O tipo sacerdotal asceta e a política do sentido: abordagem a partir de Para a genealogia da moral, de F. Nietzsche. **Numen: revista de estudos e pesquisa da religião**, Juiz de Fora, v. 16, n. 1, pp. 259-281, 2013.